



UFRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO**

LARISSA NUNES SEVERIANO ALVES

ANÁLISE COMPARATIVA DOS PRINCIPAIS CONTOS DE A
BELA E A FERA

Rio de Janeiro

2024

Larissa Nunes Severiano Alves

Análise Comparativa dos principais contos de *A Bela e a Fera*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras - Português e Literaturas, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Bacharelado em Letras.

Orientador(a): Carlos Eduardo de Barros Moreira Pires

Rio de Janeiro

2024

2024

FOLHA DE APROVAÇÃO

Larissa Nunes Severiano Alves

Análise Comparativa dos principais contos de *A Bela e a Fera*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras - Português e Literaturas, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Bacharelado em Letras.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Eduardo de Barros Moreira Pires

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Me. Gabriel Felipe da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

(nome)

(instituição)

Rio de Janeiro

2024

Dedicatória

Dedico meu trabalho, primeiramente, a Deus, que me deu sustento nos dias que mais me apareceram provações. À minha família, não menos importante, a qual me deu muito apoio e amor, todos os dias, sempre estando ao meu lado, principalmente meus irmãos, Natan e Alan, que me escutaram falar sobre todas as etapas desse trabalho, e à minha mãe Célia, que me deu muito carinho no processo, ao meu pai Ivan, que me ensinou sobre ter resiliência e confiar no processo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todos os dias ter o sustento físico e familiar que possibilita que eu vá atrás dos meus sonhos e finalize os trabalhos que são necessários.

À minha família sou grata por serem sempre tão acolhedores e amáveis, principalmente, quando eu mais preciso.

Aos meus irmãos Natan e Alan, quero agradecer por sempre me ouvirem e aconselharem da melhor forma, nunca faltando respeito ou carinho.

À minha mãe Célia e ao meu pai Ivan agradeço pelo acolhimento nos dias mais difíceis e risadas nos dias mais fáceis, pelos ensinamentos de perseverança e resiliência.

Aos meus colegas e amigos agradeço por compartilharem comigo a caminhada que foi a graduação, obrigada pelas conexões e aprendizados.

Ao meu orientador, agradeço pela paciência e pelos ensinamentos que foram passados.

Se você quiser que seus filhos sejam inteligentes, leia contos de fadas a eles. Se quiser que sejam mais inteligentes, leia mais contos de fadas.

Albert Einstein

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo analisar contos originais de Madame Beaumont, Villeneuve e Charles Perrault, a fim de identificar as semelhanças e diferenças entre eles, buscando compreender a dimensão histórica desses textos produzidos nos séculos XVII e XVIII. Esse período foi momento chave na transformação da ideia de infância, (...). Para tanto, constituem nossa *corpora* literária diferentes versões de *A Bela e a Fera*.

Palavras-chave: Infância na literatura; Comparação de contos de fadas; Contexto histórico de "A Bela e a Fera".

ABSTRACT

The research aimed to analyze the original tales by Madame Beaumont, Villeneuve, and Charles Perrault, examining the similarities and differences between them and seeking to understand the historical dimension of these texts produced in the 17th and 18th centuries, a key moment in the transformation of the concept of childhood. The comparative focus for this was the different versions of *Beauty and the Beast*.

Keywords: Childhood in literature; Fairy tales comparison; Historical context of "Beauty and the Beast".

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
1. Contexto editorial dos contos.....	13
2. Revisão bibliográfica.....	14
3. Sobre os autores e a origem das histórias: a suposta origem do monstro.....	22
3.1. Charles Perrault sua versão de “A bela e a fera”.....	23
3.2. Madame de Villeneuve e a sua versão de A Bela e a Fera.....	24
3.3. Madame Beaumont e a sua versão de A Bela e a Fera.....	25
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS CONTOS.....	26
4.1. A Bela e a Fera, por Madame de Villeneuve.....	26
4.2. A Bela e a Fera, por Madame Beaumont.....	32
4.3. A versão de Charles Perrault.....	38
Considerações finais.....	41

INTRODUÇÃO

O historiador Philippe Ariès, na obra *História Social da Criança e da Família*, argumenta que, ao final do século XVII, surge um sentimento inteiramente novo nas relações familiares ou no seio familiar: “ [...] os pais passaram a se interessar pelos estudos de seus filhos e a acompanhá-los com uma solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas [essa era] anteriormente desconhecida (Ariès, 2014, p. 14). No início do século XVIII, no conto *A Bela e a Fera*, de Madame Beaumont, que será abordado nesta pesquisa, é possível observar um momento em que o pai comerciante proporciona aos seus filhos, tanto homens quanto mulheres, uma boa educação, algo considerado importante ou valorizado nesse novo contexto que Ariès destaca na transição do século XVII para o XVIII.

Desse modo, Madame Beaumont teve uma atitude em alguma medida disruptiva para a época ao valorizar esse aspecto da educação dos filhos e filhas em seu conto. Dezesseis anos antes, em sua novela *A Bela e a Fera*, Madame Villeneuve não fez qualquer referência aos estudos. No entanto, antes mesmo das duas escritoras, Charles Perrault já mencionava a educação como algo que o velho comerciante considerava muito importante para todos os seus filhos, sendo trazido na obra *Beauty and the Beast and other tales*, 2014. Ter dois autores, dentre três, que tratam a educação como um valor igualitário entre os sexos e a consideram fundamental traz, no mínimo, uma reflexão interessante, especialmente considerando a transformação considerada por Ariès. Atualmente, o acesso à educação é amplamente difundido, embora ainda enfrente dificuldades, especialmente em regiões distantes dos grandes centros urbanos, e a qualidade não é boa para todas as regiões.

Madame Beaumont, além de retratar o velho comerciante como um homem que se preocupava com a educação de seus filhos, criou um pensionato para o ensino de jovens meninas durante sua vida. Sua obra não apenas se tornou amplamente conhecida, como também contribuiu significativamente para a difusão e ampliação do letramento entre as mulheres, apresentado na obra *A Bela e a Fera*, 2022.

No conto de Madame Villeneuve, as irmãs mais velhas de Bela, a protagonista, expressam saudade da infância, um sentimento incomum para o

período, já que naquela época a infância estava em um processo de transformação em direção a uma ideia que atualmente se naturalizou. Hoje, as crianças são cuidadas e tratadas de forma a preservar sua imaturidade, vista como uma fase muitas vezes associada à pureza e inocência. Ocorre que, séculos atrás, as crianças eram consideradas, simplificando o argumento de Ariès (2014), "pequenos adultos", com responsabilidades e tarefas semelhantes às de um adulto. De acordo com o historiador, quando as crianças começaram a sair desse anonimato e os pais passaram a dar mais atenção a elas e à sua educação, houve também uma redução nas taxas de natalidade, e um contexto em que os pais passaram a se dedicar mais aos filhos. Isso proporcionou, em alguns países e em certos estratos sociais, melhores condições para cuidar das crianças, oferecendo-lhes maiores oportunidades de estudo e uma infância livre das responsabilidades adultas.

Atualmente, não seria incorreto afirmar que muitas pessoas tiveram contato com a história "A Bela e a Fera" através das versões da Disney. De maneira mágica, essa história transformou minha relação com filmes e livros. Nada foi o mesmo desde então. Por essa razão, este trabalho tomou forma, motivado pelo desejo de conhecer as versões anteriores e os autores que as criaram, explorando suas intenções, vidas, histórias e propósitos. Um autor vai além das palavras; ele conecta o presente ao passado e move as pessoas através do tempo.

Não é correto afirmar que a versão da Disney segue fielmente a história de Madame Beaumont, embora seu conto seja o mais famoso. Na verdade, o estúdio alterou diversos elementos e acrescentou novos aspectos. Isso não é necessariamente negativo, pois adaptações são necessárias para dialogar com uma sociedade em constante transformação. A história precisou ser modificada para se adequar ao público a que seria direcionada.

Uma característica de Bela, presente nas versões antigas e explorada com destaque no filme, é seu gosto pela leitura. A jovem passa grande parte do tempo estudando e lendo, uma qualidade importante para ser transmitida aos espectadores.

Vale ressaltar que essas características podem causar nos telespectadores um certo entusiasmo pelo que Bela faz, despertando curiosidade e até o desejo de explorar a leitura como passatempo. Não sei se isso ocorreu com a maioria do público, mas posso afirmar que Bela teve um grande impacto em mim, gerando um profundo sentimento de identificação.

1. Contexto editorial dos contos

De acordo com o historiador e bibliotecário estadunidense Robert Darnton (2021), a indústria editorial dos séculos XVII e XVIII estava em expansão, com a participação de figuras como escritores, editores e censores. O historiador fez uma ampla pesquisa sobre o censor, cargo que não atraía pela remuneração, quase nula, mas pela oportunidade de alcançar uma posição próxima à nobreza e, eventualmente, títulos de realeza. Escritores e censores pertenciam à mesma conjuntura social e frequentemente compartilhavam ideias semelhantes, incluindo alguns censores que também eram escritores e alinhados com as ideias iluministas. Na época, havia muitas restrições à publicação de livros. Darnton explica que, apesar das restrições impostas pelo regime, existiam condições que permitiam a circulação das obras. Os comerciantes facilitavam essa circulação sem a aprovação oficial e sem atrair a atenção da polícia (Lacerda, 2021).

O trabalho dos censores, além de restringir livros com conteúdo que ofendesse o Estado, a religião ou a moralidade, envolvia a realização de críticas, tanto negativas quanto positivas, sobre os assuntos tratados nas obras. Embora fosse um ofício pouco remunerado, como dito, em uma sociedade na qual a ideia de livre arbítrio começava a ganhar destaque, ele passava a agregar valores individuais e morais.

Os três textos que iremos investigar participam desse contexto de transformação. Charles Perrault publicou sua versão de *A Bela e a Fera* em 1697, como parte da coletânea *Histoires ou contes du temps passé* (Histórias ou Contos do Tempo Passado), também conhecida como *Contes de ma mère l'oye* (Contos da Mãe Ganso). Sua versão foi a primeira a popularizar o conto, influenciando as adaptações subsequentes. Em 1740, Madame Villeneuve publicou a história de *A Bela e a Fera* na coletânea *La Jeune Américaine*. Esta versão era mais extensa do que a que seria publicada posteriormente por Madame Beaumont. A obra de Madame Villeneuve pode ser comparada a um romance devido ao seu tamanho, às várias tramas que se entrelaçam com a história principal e à diversidade de personagens, características próprias desse gênero literário. Já a versão de Madame Beaumont, escrita em 1756 e publicada no periódico *Magasin des Enfants*,

é mais concisa e alcançou grande sucesso na literatura infantil, consolidando-se como uma importante obra de educação infanto juvenil, especialmente para jovens meninas. Isso bem antes, claro, do século XX quando a Disney adaptou o conto para o cinema, alcançando sucesso em outro campo artístico.

2. Revisão bibliográfica

Segundo o texto "Beauty and the Beast: Visions and Revisions of an Old Tale: 1950-1985", de Betsy Hearne, *A Bela e a Fera* surgiu da combinação de folclore e obras literárias da época, em parte devido ao trabalho das escritoras Madame Villeneuve (1685-1755) e Madame Beaumont (1711-1780). Hearne observa que, posteriormente, as versões impressas do conto variaram quase tanto quanto as narrativas orais, apresentando heroínas com diferentes graus de atividade e papéis de gênero invertidos, como a mulher assumindo o papel de fera (Hearne, 1988).

Estudos sobre o desenvolvimento histórico indicam que houve remodelações e novas formulações de elementos importantes, refletindo influências históricas e culturais. As influências populares trouxeram inovações para as tradições literárias do século XVIII, enquanto o século XIX testemunhou inovações nas técnicas de impressão e marcação das obras. No século XX, surgiram interpretações de cunho psicológico e inovações trazidas pela mídia.

Entre 1950 e 1985, diversas produções baseadas em *A Bela e a Fera* foram realizadas. Apesar da grande quantidade de publicações, essas ocorreram de maneira relativamente rápida, resultando em apenas uma dúzia de impressões até os dias atuais. Destas, oito são de baixa qualidade, publicadas por pequenas editoras (Hearne, 1988, p. 76). As quatro edições restantes são de alta qualidade, mas enfrentaram dificuldades de circulação devido à queda nas vendas após a publicação, um reflexo da economia da época. Qualidade essa, comprometida, devido a falta de capacidade da editora de sustentar o backlist longo.

Em 1951, Vittorio Giannini produziu uma ópera em um ato intitulada *Beauty Was a Girl Who Lived in Dreams*, com um libreto emocionante de Robert Simon. A transmissão ocorreu pelo rádio, mas a gravação não está disponível e a partitura é de difícil acesso. Em 1977, foi criado um trabalho televisivo destinado ao grande público, mas que nunca foi retransmitido. É interessante refletir sobre como essas

diversas versões da mesma história contribuem para sua propagação oral e popular (Hearne, 1988).

Betsy Hearne apresenta uma recontagem interessante feita por Laura E. Richards, com ilustrações de Gordon Browne. Nesta versão, Bela é assediada por suas duas irmãs, que possuem nomes: Gracilia e Superba. É notável que, nos contos de Madame Beaumont, Madame Villeneuve e Charles Perrault, que são personagens inominadas (ou anônimas), recurso que, entre outras coisas, denota a irrelevância delas, além de contribuir para que se infira a falta de personalidade, quando comparadas a Bela. (Hearne, 1988).

De forma satisfatória, *A Bela e a Fera* permaneceu ao longo do tempo, sobrevivendo ao esquecimento. Sua persistência deve-se às inúmeras recontagens e aos muitos livros ilustrados que perpetuaram a história. Na recontagem de *A Bela e a Fera* por Philippa Pearce, com ilustrações de Alan Barrett, observam-se algumas diminuições nos detalhes da obra. Pearce apresenta apenas três filhas, ao contrário das três filhas e três filhos do comerciante descritos no conto de Madame Beaumont. Segundo Pearce, a história contém apenas o que realmente é necessário (Pearce, 1972).

Na versão de Pearce, a aparição da Fera no sonho de Bela, quando o animal aparece doente, é um elemento que permanece. No entanto, Bela foge para o castelo durante a noite sem a companhia do pai, o que destaca o fato de que o comerciante não entregou sua filha à Fera; Bela precisou fugir sozinha. Nesta versão, o castelo oferece livros à Bela, brinquedos, e animais de estimação, como gatos persas e spaniels. Essa é uma versão que atende mais aos desejos de uma menina do que aos de uma mulher, conforme assinala Philippa Pearce, 1972, na obra *A Bela e a Fera*. A narrativa, com menos descrição e diálogo, é complementada pelas pinturas em guache de Barrett, que ilustram o que Pearce descreveu, de acordo com o texto de Hearne, 1988.

O romance *Beauty*, de Robin McKinley, encanta jovens desde sua publicação em 1978 e é o primeiro trabalho do autor. McKinley criou o romance como uma resposta à adaptação estrelada por George C. Scott, da qual sentiu que houve perda de qualidade. A obra possui 247 páginas e poucos personagens, e não apresenta vilões; a tensão é trazida pela própria Fera.

Para enfatizar o percurso de amadurecimento dos jovens, McKinley fez alterações na fragilidade do pai e na maldade das irmãs, similar ao que fez Madame Villeneuve em sua versão, ajustando ou destacando os defeitos dos familiares

McKinley explora de maneira mais descritiva a adaptação de Bela à nova vida no castelo, a relação que ela desenvolve com a Fera e a saudade que sente de casa. A narrativa em primeira pessoa cria uma conexão mais profunda entre a personagem e o leitor, facilitando a identificação com ela. A Fera é retratada com uma maturidade que conseguiu desenvolver durante os dois séculos que passou sozinha (Hearne, 1988).

A versão de Angela Carter, *The Courtship of Mr. Lyon* (1982), que faz parte da coletânea *Elsewhere: Tales of Fantasy*, apresenta um cenário contemporâneo com uma mansão bucólica inglesa e uma suíte de hotel em Londres (Carter, 1982). O conto possui apenas quatro personagens: o pai de Bela, a própria Bela, um spaniel King Charles branco e a Fera. Carter consegue unir de forma inteligente dois mundos distintos, o antigo e o moderno.

O conto *Beauty*, de Tanith Lee, incluído na coleção *Red as Blood*, foi listado entre os Melhores Livros para Jovens Adultos pela American Library Association em 1983. Esta versão apresenta um cenário de ficção científica e foca mais nas características internas de Bela do que na Fera. Os aspectos físicos da Fera são tratados de maneira a serem aceitos. A narrativa é composta por quatro fragmentos e inclui aspectos religiosos ao longo do conto (Hearne, 1988).

Cada escritor trouxe sua própria visão para a obra original de *A Bela e a Fera*. Apesar de manter o contexto central e os personagens principais, novos cenários e maneiras de recontar a história foram criados, cativando e marcando o público de formas distintas.

No texto "You've Come a Long Way, Beauty (and Beast)", Claire L. Malarte-Feldman (1992) revela que o livro de Jack Zipes, dedicado a Jacques Barchilon, denomina a história de *A Bela e a Fera* como uma "aventura imemorial", apontando suas raízes no mito grego de Cupido e Psique. Desde o romance *O Asno de Ouro*, de Apuleio, muitas histórias foram contadas ao longo do tempo para ilustrar o poder do amor e sua capacidade de transformar o horrível em algo nobre e belo, como a transformação da criatura monstruosa em um príncipe encantado. Essa narrativa se manteve viva ao longo dos séculos, e Zipes possui uma coleção de 36

contos de fadas de origem francesa que tratam desse tema. A pesquisa de Betsy Hearne explora as variações da história e como ela sobreviveu.

Zipes compilou uma coleção traduzida com 36 contos de fadas franceses, incluindo *Chapeuzinho Vermelho*, de Perrault, e *A Bela e a Fera*, de Madame Beaumont, que não estavam presentes nos volumes de Planché. Claire Feldman ressalta que a consequência é de um conjunto de contos de doze autores franceses, isso por volta de um período de aproximadamente cem anos. (Feldman, 1989). O trabalho de Zipes é extenso, incluindo todos os contos de Charles Perrault, e suas traduções refletem o estilo literário característico da França no século XVII (Feldman, 1989).

O estilo linguístico desses contos possui elementos que são típicos do gênero aristocrático, o que pode apresentar desafios para o tradutor. De acordo com Claire Feldman, esses contos se tornaram uma expressão do idealismo aristocrático, glorificando o heroísmo e o amor em todos os gêneros literários da época (Feldman, 1989). Textos produzidos por mulheres, frequentemente, faziam sucesso como uma forma de resistência ao patriarcado. Além disso, os contos de fadas ganharam popularidade durante a crise política na França em 1688, sendo utilizados não apenas para criticar o reinado de Luís XIV, mas também para expressar expectativas de um futuro melhor.

Zipes traduziu as versões mais famosas de *A Bela e a Fera*, de Madame Beaumont e Madame Villeneuve, destacando como esses contos estavam entrelaçados com a educação e as questões sociais da sociedade francesa. A versão de Madame Beaumont, publicada em 1757, focou na educação de jovens meninas, enfatizando a importância da atuação doméstica sem perder a magia do conto. Por ser o primeiro conto de fadas destinado ao público infantil, contribuiu significativamente para a popularidade do gênero.

Hearne, em sua obra, apresenta o conto de *A Bela e a Fera* de Madame Villeneuve, publicado em 1740, frequentemente intitulado como a primeira versão francesa. No entanto, há registros de variantes anteriores, como a de Mme d'Aulnoy, com *Le Mouton* (O Carneiro), Catherine Bernard com *Riquet à la Houppe*, e também a versão de Perrault, datada de 1697. Essas obras, que surgem no final do século XVII, podem ser vistas como precursoras de *A Bela e a Fera*. Hearne (1988) analisa a produção de livros no século XIX e como as ilustrações acrescentaram beleza e enriqueceram as lições das histórias de acordo com a obra de Feldman, 1989.

No texto “The Beaumont's Beauty and the Beast: A Feminist Analysis”, Monique Bancos expõe que o conto de Madame Beaumont foi criado com a intenção de educar seus leitores sobre relacionamentos amorosos e familiares. Zipes (2006) afirma que o conto de Madame Beaumont ensina tanto a homens quanto a mulheres sobre bons modos na sociedade (Bancos, 2021 apud Zipes, 2021).

Monique Bancos (2021) observa que as escritoras do século XVIII não receberam o reconhecimento merecido por sua importância e peso na literatura de contos de fadas. Seifert e Stanton (2010) destacam que, embora a maior parte da produção de contos de fadas tenha sido atribuída às mulheres, elas frequentemente foram esquecidas e ignoradas (Bancos, 2021). Homens como Charles Perrault, os Irmãos Grimm e Andrew Lang são frequentemente lembrados como os principais escritores desse gênero. Nessas histórias, os personagens femininos e masculinos geralmente seguem padrões tradicionais: os homens são frequentemente descritos como heróis que devem salvar as donzelas em perigo, enquanto as mulheres são retratadas como submissas e belas, aguardando a salvação por um príncipe.

De acordo com Monique Bancos, Gilbert e Gubar (2004), um fenômeno comum existente em textos patriarcais é a forma de categorizar o sexo feminino como anjos ou demônios (Bancos, 2021 apud Gilbert e Gubar, 2004). As mulheres eram esperadas a se comportar como damas, e quando não o faziam, eram vistas como monstros. O cânone literário estava muito centrado nas produções masculinas, excluindo as obras criadas por mulheres. Portanto, é essencial realizar estudos sobre a produção literária de contos de fadas femininos, considerando que o contexto patriarcal as suprimiu e o feminismo as resgata.

O reino das fadas promoveu às escritoras a autonomia e a independência de criar seus próprios personagens, relações entre gêneros e esperança, questionando a 'normalidade' que era aceita do patriarcado e da dominação do sexo masculino (Bancos, 2021). Contudo, tal trabalho não foi fácil. A força predominante dos homens em relação aos contos de fadas refletia uma sociedade machista e patriarcal, que tinha dificuldades para aceitar escritoras. A literatura produzida por mulheres na época muitas vezes refletia sua luta contra essa realidade.

O escritor francês Charles Perrault é amplamente reconhecido por seus contos, que muitas vezes são mais celebrados do que os de escritoras contemporâneas. Suas obras, que seguem delimitações de gênero e características patriarcais, incluem a famosa coleção *Tales of Mother Goose* (1697), publicada

cerca de meio século antes de Madame Beaumont (Bancos, 2021). Entre os contos de Perrault, *Riquet with the Tuft* (1697) retrata um noivo bestial e reflete a natureza patriarcal da época, onde a moralidade impõe às mulheres a necessidade de ser serenas e submissas, mesmo em casamentos que foram arranjados (Bancos, 2021). Esses contos foram amplamente aceitos devido às ideias patriarcais predominantes do período.

Contrariamente à crença comum de que Madame Beaumont foi a autora original de *A Bela e a Fera*, há evidências de que Perrault também escreveu uma versão desse conto, embora o texto esteja disponível apenas em inglês. Madame Beaumont, em sua versão, é geralmente creditada como a pioneira no desenvolvimento do conto de fadas moderno, tendo baseado sua obra na versão anterior de Madame Villeneuve.

No conto de Beaumont, Bela é apresentada como uma heroína de maneira inovadora para a época. Ela demonstra a capacidade de rejeitar pretendentes e escolher permanecer ao lado da Fera, desafiando a ideia de que os homens deveriam ser os salvadores. Ao contrário das mulheres do século XVIII, que eram frequentemente submissas aos homens, Bela é retratada como uma mulher decidida e independente. No entanto, apesar de suas características feministas, como a escolha do próprio destino, Bela também exibe traços tradicionalmente femininos, como o perdão às irmãs, a docilidade e o amor. Esses elementos patriarcais ainda permeiam o texto de Beaumont, reflexo das influências e restrições da época, que muitas vezes silenciavam escritoras independentes.

Bela e suas irmãs receberam uma educação que, na época, era incomum para mulheres. No entanto, Bela não se contentou com o estudo limitado que lhe foi oferecido e buscou sempre mais através dos livros. Essa busca pelo conhecimento e sua racionalidade desafiam a visão da época, que via as mulheres como seres irracionais. Bela usa seu pensamento racional para ajudar seu pai, destacando-se assim dos padrões estabelecidos.

O relacionamento entre Bela e a Fera, especialmente durante as noites que passavam jantando juntos, permitiu que se conhecessem melhor e que Bela não julgasse a aparência bestial da Fera como um fator determinante em seu relacionamento. Essa interação sugere que um casamento bem-sucedido requer um conhecimento profundo entre as pessoas envolvidas. Em contraste, o casamento

rápido das irmãs de Bela, que ocorreu sem um verdadeiro conhecimento entre os parceiros, resulta em uma relação infeliz.

De acordo com Tatar (2017), Beaumont usa o conto para educar as mulheres da época, que temiam casamentos arranjados, encorajando-as a se casarem e a se entregarem a seus maridos. O romance entre Bela e a Fera é apresentado como um tipo de matrimônio arranjado, no qual Bela, apesar de seu medo inicial, encontra a felicidade. Isso sugere que outras mulheres, mesmo aquelas que não conheciam bem seus futuros maridos, também poderiam encontrar felicidade em casamentos semelhantes (Bancos, 2021).

Gabriella Rovassine da Rocha (2019), no texto “A Bela e a Fera: a representação feminina nas versões de Gabrielle Suzanne Barbot de Villeneuve e de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont”, observa que o conto de Madame Beaumont apresenta características pedagógicas. O texto foi elaborado visando o público infantil, utilizando um vocabulário mais compreensível e acessível (Rocha, 2019).

A autora destaca que, no passado, era comum que o pai da noiva oferecesse um dote para o casamento. Em contraste, Bela recusa seus pretendentes, demonstrando sua força e desafiando os padrões da época. O conto “A Bela e a Fera” funciona como uma crítica à sociedade francesa daquele período, na qual a aparência externa das pessoas muitas vezes era mais valorizada do que sua essência.

Gabriella Rovassine da Rocha (2019) aponta que, apesar de Bela ocasionalmente afirmar não se importar com a aparência da Fera, ela enfatiza repetidamente o quão feia a criatura é. O conto sugere que as virtudes podem ser encontradas em seres considerados feios, enfatizando que até as criaturas que não atendem aos padrões de beleza possuem qualidades valiosas.

A Bela e a Fera se insere no ciclo do noivo-animal ou noiva-animal, um subgênero específico que lida com relacionamentos complicados, frequentemente envolvendo um parceiro que age de maneira impulsiva e animalésca, geralmente o homem. Em muitos casos, um feitiço é superado pelo amor, que deve ser suficientemente forte para transcender as características físicas. No conto de Madame Beaumont, o amor verdadeiro é capaz de desfazer o feitiço, exemplificando essa temática.

Um aspecto importante do sucesso de *A Bela e a Fera* é o contraste entre o bem e o mal. Enquanto a Fera é inicialmente esperada para ser malvada e cruel, ela

se revela doce e bondosa. Em contrapartida, a verdadeira maldade é encontrada nas irmãs de Bela, que, apesar de sua boa aparência, exibem uma conduta desprezível.

O conto de Madame Villeneuve é direcionado a um público mais adulto e se distingue da versão de Madame Beaumont por seu tamanho e riqueza de detalhes, semelhante a um romance. Villeneuve oferece mais descrições e profundidade na narrativa, contrastando com a abordagem mais concisa e voltada para o público infantil de Beaumont.

Mariza Mendes observa que a beleza era o principal "estigma" da feminilidade na época; uma mulher que não era bela não era considerada feminina (Rocha, 2019 apud Mendes, 2000). Esta é uma característica marcante de Bela, cuja beleza é constantemente ressaltada e é o motivo pelo qual é chamada pelo nome. Além da beleza, outras qualidades associadas à feminilidade, como bondade, delicadeza, honestidade, recato e obediência, eram valorizadas (Rocha, 2019 apud Mendes, 2000). Personagens que não se encaixavam nesses padrões, especialmente aquelas que se destacavam pela maldade ou intelectualidade invejosa, como as irmãs de Bela, geralmente enfrentavam punições ou eram esquecidas.

Na Idade Média, era comum que o homem fosse a figura de autoridade na família, enquanto restava à mulher os labores do lar, como cuidar dos filhos e da casa. No entanto, na obra de Madame Villeneuve, esse padrão é desafiado. A figura feminina é destacada, especialmente a rainha, mãe do príncipe, que demonstra liderança e coragem, quebrando os estereótipos tradicionais da época.

Uma característica marcante dos contos de fadas é a tendência a não atribuir nomes específicos aos personagens. Em "A Bela e a Fera", Bela é um apelido dado à protagonista, assim como a Fera, as fadas e outros personagens como a Má e a Mãe dos tempos, e a Rainha mãe do príncipe. Esses personagens sem nome específico representam grupos sociais ou arquétipos em vez de indivíduos concretos.

Gabriella Rovanozzi menciona a análise de Mendes, que discute como essas escolhas refletem a estrutura social e as expectativas da época, evidenciando a representação dos personagens como representações de papéis sociais em vez de pessoas com identidades individuais,

De acordo com Mendes, os prêmios e castigos para as boas e as más ações são a base da moral ingênua, que caracteriza as narrativas de origem popular. (...) As mulheres recebem prêmios e castigos especiais, que mostram o modo como o sexo feminino é manipulado na sociedade patriarcal (MENDES, 2000, p. 90). A mãe de Bela, foi castigada simplesmente por casar-se com um homem que não tinha os mesmos poderes que os seus (Rovanossi, 2019, p. 56).

Rovanossi ressalta que, conforme Mendes, as fadas em contos de fadas, essas que possuem poderes mágicos, as sociedades que possuíam figuras de matriarcas tinham como simbolismo a figura de antigas divindades do sexo feminino (Rovanossi, 2019 apud Mendes, 2000). Diferentemente do que ocorre em outros contos, como o de Madame Beaumont, onde a protagonista pobre se torna princesa ao casar com um príncipe, a Bela no conto de Madame Villeneuve já nasce princesa. Isso reduz a dependência de Bela em relação ao marido e enfatiza sua posição e identidade desde o início da história.

3. Sobre os autores e a origem das histórias: a suposta origem do monstro

Existe uma possível veracidade por trás do personagem da Fera em *A Bela e a Fera*. Pedro Gonzales, um espanhol nascido no arquipélago das Canárias em 1537, sofria de hipertricose, conhecida popularmente como “síndrome do lobisomem”. Seu pai, Carlos V, Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, decidiu entregar seu filho a outro reino, uma atitude que revela o desejo do imperador de afirmar seu poder e a rejeição de um filho que não atendia aos padrões de saúde da época. O navio em que Pedro viajava foi atacado e dominado por corsários franceses. Assim, Pedro foi enviado para a França, onde foi tratado como um animal de estimação pelo rei Henrique II.

Até sua chegada a Paris, Pedro era chamado de Barbet, nome de uma raça de cães. O rei Henrique II pretendia submetê-lo a um experimento de humanização: Pedro foi batizado de Petrus Gonsalvus, vestiu-se com roupas nobres e recebeu uma educação sofisticada, aprendendo a ler, escrever, falar vários idiomas e dominar as regras de etiqueta da corte. Após a morte de Henrique II, a rainha viúva Catarina de Médici assumiu a responsabilidade por Petrus. Ele era tratado como um objeto de propriedade, transferido de um rei para uma rainha como um patrimônio. Catarina decidiu continuar o experimento casando Petrus com a filha de um serviçal

da corte para investigar a prole resultante dessa condição. Relatos sugerem que Petrus e sua esposa tiveram um casamento feliz.

O subgênero animal *bridegrooms*, ou "noivos animais", como era conhecido na Inglaterra, envolve a narrativa em que o amante animalesco encontra sua redenção através do amor e da pureza. Nesse tipo de história, as protagonistas femininas expressam seus sentimentos e afirmam sua pureza, destacando o amor acima de todas as outras forças da natureza. Isso faz com que a fronteira entre o humano e o fantástico se torne menos clara. O noivo ou a noiva animalesca representa o lado selvagem do ser humano, uma faceta que, apesar do conhecimento que possamos ter, é impossível de controlar completamente.

Esse lado animalesco é uma parte da personalidade humana que, geralmente adormecida devido à falta de necessidade de manifestação, pode emergir em situações inesperadas, de surpresa ou desespero, levando o indivíduo a comportar-se de maneira inesperada, assemelhando-se a um animal. No entanto, esse animal é ainda um ser humano, dotado das capacidades cognitivas e emocionais típicas da humanidade. Muitas culturas ao redor do mundo retratam o amor animalizado; no Brasil, por exemplo, a história do boto-cor-de-rosa é uma conhecida narrativa de amor com elementos animais (LACERDA, 2022).

3.1. Charles Perrault sua versão de “A bela e a fera”

Charles Perrault, um dos mais notáveis autores franceses do século XVII, é amplamente reconhecido por suas contribuições ao gênero dos contos de fadas. Seus contos, coletados em *Histoires ou contes du temps passé* (1697), foram um marco na literatura infantil e influenciaram profundamente a forma como as histórias de fadas foram contadas e interpretadas na literatura ocidental. Perrault, como se sabe, não criou as histórias de fadas do zero, mas as adaptou e reescreveu para um público mais amplo. Ele baseou muitos de seus contos em narrativas orais e folclóricas que circularam na França e em outros países europeus. A história de *A Bela e a Fera* que Perrault trouxe ao público foi uma adaptação de tradições populares e de histórias pré-existentes que já circulavam, como *Le Mouton* de Madame d'Aulnoy e outras variações do conto.

Perrault incluiu, com efeito, sua versão de *A Bela e a Fera* em sua coleção de contos publicada em 1697. Sua adaptação foi mais simplificada e voltada para o

público infantil e para os padrões literários da época, que buscavam/demandavam/esperavam obras menos assustadoras. Perrault focou em temas morais e educativos, e suas histórias muitas vezes serviam para ilustrar lições sobre comportamento e virtude, refletindo os valores aristocráticos e morais do período.

A versão de Perrault de *A Bela e a Fera* segue um modelo moralista típico das suas obras. O conto enfatiza a importância da bondade interior e do amor verdadeiro, contrastando a aparente fealdade da Fera com a verdadeira beleza interior de Bela. Isso se alinha com a moralidade predominante em muitos contos de Perrault, que visavam transmitir valores e comportamentos desejáveis para os jovens leitores, como honestidade e altruísmo. O autor simplificou e clarificou as histórias, retirando elementos mais complexos ou sombrios das versões orais. Ele fez isso para tornar os contos mais acessíveis e educativos para crianças, ajudando a estabelecer o formato moderno dos contos de fadas.

Em sua versão, Perrault reforça os papéis de gênero tradicionais, onde a bondade e a beleza são idealizadas, e a aparência externa é contrastada com a verdadeira virtude. Embora a história de *A Bela e a Fera* traga uma mensagem de que a verdadeira beleza vem de dentro, também reflete a visão patriarcal de que as mulheres devem ser submissas e virtuosas, como vimos nas problematizações dos pesquisadores na revisão bibliográfica acima.

3.2 Madame de Villeneuve e a sua versão de *A Bela e a Fera*

No ano de 1740, dezesseis anos antes da popularização da versão de *A Bela e a Fera* por Madame Beaumont, Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve, também francesa, já havia publicado sua própria versão no livro *La Jeune Américaine ou Les Contes Marins*. Nascida em Paris em 1685, Villeneuve era descendente da renomada família protestante Bardot, originária da comuna de La Rochelle, e faleceu em 1755. Seu enredo para “A Bela e a Fera” não apenas apresentou uma narrativa envolvente, mas também criticou o sistema matrimonial da época. Jovens meninas, com apenas quatorze ou quinze anos, eram obrigadas a casar com homens muito mais velhos, muitas vezes contra sua vontade, sem a possibilidade de recusar, manter seus bens ou se divorciar. Os contos de fadas escritos por mulheres frequentemente exaltavam princípios como amor, fidelidade e igualdade de gênero,

e, ao fazê-lo, denunciavam as condições opressivas enfrentadas pelas mulheres e alimentavam sonhos de uma vida mais justa e menos restritiva (LACERDA, 2022).

3.3. Madame Beaumont e a sua versão de *A Bela e a Fera*.

A versão mais conhecida de *A Bela e a Fera* é a da escritora francesa Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, publicada em 1756 para uma revista destinada a meninas e moças da época. Nascida em Rouen em 1711, Beaumont era filha de um escultor e pintor e cresceu em uma família de classe média. Após ficar órfã de mãe, Jeanne-Marie iniciou seus estudos aos quatorze anos, com a intenção de se tornar freira e educar jovens meninas. Em 1735, decidiu se mudar com o pai para o nordeste da França, abandonando a vocação religiosa.

Beaumont trabalhou na corte Austro-Francesa em Lunéville, na região da Lorena, como preceptora por cerca de dois anos, professora de música e dama de companhia de Élisabeth-Thérèse, filha do falecido Leopoldo de Lorena. Durante essa época, Jeanne-Marie conheceu Voltaire e interagiu com escritoras contemporâneas, como Émilie du Châtelet e Christine de Pizan, cujas obras provavelmente a incentivaram a se dedicar à escrita.

Em 1743, casou-se com Antoine Grimard de Beaumont, adotando seu sobrenome e tendo uma filha, Elisabeth. Alguns relatos indicam que esse foi seu segundo casamento; o primeiro teria sido com um bailarino da corte, considerado o verdadeiro pai de sua filha. Madame Beaumont decidiu colocar a filha em um internato, embora os motivos para essa decisão não sejam claros. Ela ganhou reconhecimento tanto na pedagogia quanto na ficção pedagógica. Ao retornar a Paris, Jeanne-Marie fundou um pensionato para meninas da elite, refletindo sobre o acesso ao conhecimento e o privilégio educacional da época. Enquanto os homens tinham mais oportunidades de estudo, as mulheres, como Beaumont, podiam estudar principalmente em contextos eclesiásticos ou na corte, como foi o caso dela ao ensinar música para uma jovem da nobreza. Beaumont faleceu em 1780 e foi enterrada em Ubéxy (LACERDA, 2022).

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS CONTOS

4.1. *A Bela e a Fera*, por Madame de Villeneuve

O conto começa descrevendo uma rica família composta pelo pai, um comerciante, e seus doze filhos, divididos igualmente entre seis rapazes e seis moças, todos solteiros. Isso contrasta com a versão de Madame Beaumont, na qual o comerciante tem três filhas e três filhos. A história, ao longo do tempo, sofreu variações, e Philippa Pearce, em sua adaptação, reduz o número para apenas três filhas do comerciante (PEARCE, 1988).

O conto de Madame Villeneuve, publicado dezesseis anos antes da versão de Beaumont, apresenta diferenças notáveis. Um aspecto distintivo é o número de filhos do comerciante: na obra de Villeneuve, são doze, enquanto na de Beaumont, são seis, com uma distribuição equivalente entre rapazes e moças. Essas diferenças refletem as mudanças sociais ocorridas durante o período. Embora dezesseis anos possam parecer um intervalo curto, na época, eram suficientes para provocar alterações significativas, o que pode justificar a modificação no número de filhos do comerciante.

Além disso, a trama inclui um grande incêndio que destrói a casa da família, seguido pela perda de embarcações em naufrágios e a traição por representantes estrangeiros. Como resultado, a família se vê forçada a se mudar para uma modesta casa no campo.

Um aspecto interessante da profissão do pai, comerciante, é que, na época, pessoas da corte, como Madame Beaumont e Madame Villeneuve, não aceitavam a ascensão da classe trabalhadora, representada pelos comerciantes. Nas duas versões da história, os pais comerciantes são inicialmente retratados como ricos, mas rapidamente perdem sua fortuna, como se a riqueza deles nunca tivesse sido apropriada.

As filhas mais velhas, para escapar da pobreza, tentam se casar, conforme descrito no primeiro conto, mas não têm sucesso, e até seus amigos as abandonam. Muitas pessoas demonstram falta de compaixão nesse momento, afirmando que elas mereciam tal desgraça. Em contraste, Bela recebe mais piedade e compreensão. Ambos os contos destacam que pessoas invejosas e de má índole, como as irmãs mais velhas, não merecem a compaixão dos outros, enquanto

aqueles com um coração bondoso, como Bela, atraem bondade e boas ações de outras pessoas.

Ninguém da família escapou do trabalho pesado.

Quantas aflições não passaram naquela terrível solidão. Ninguém escapou do trabalho pesado. Os filhos do infeliz comerciante, não tendo como contratar um ajudante, dividiram entre si as funções e tarefas domésticas, bem como todas as atividades rotineiras de quem sobrevive do que a terra produz. As filhas, por sua vez, não permaneceram ociosas e, assim como humildes camponesas, tiveram de empregar suas mãos delicadas em todos os labores da vida rural.
(Beaumont, 2022., P. 61).

Cada um se ocupava com suas próprias tarefas, mas as meninas, em particular, sentiam saudades da vida luxuosa que haviam conhecido. O que mais as atormentava era a recordação da infância, não por ter sido dura, mas pela felicidade e leveza de uma vida repleta de risadas e brincadeiras. A lembrança dessa época surge como um tormento, acompanhada pela tristeza de não poder mais desfrutar daquilo que tinham anteriormente. Embora a infância seja geralmente marcada pela tranquilidade e ausência das responsabilidades e dificuldades da vida adulta, para esses personagens, mesmo muito tempo depois, a memória dessa fase é um sofrimento constante. Sua grande tristeza eram as lembranças de uma infância despreocupada, vivida com muita brincadeira e sorrisos (VILLENEUVE, 2022).

Em meio à vida no campo, Bela demonstrava virtudes que eram consideradas dignas da alta sociedade, encantando a todos ao seu redor. Em contraste, suas irmãs acreditavam que Bela havia sido feita para o campo, pois se adaptara àquela vida, enquanto elas se lamentavam por sua situação. A verdade é que a inveja havia tomado conta das irmãs mais velhas, já que Bela cativava a todos com sua gentileza e doçura. Elas eram cruéis com Bela, o que é evidenciado na recontagem de Laura E. Richards (1886) (Hearne 1988 apud Richards, 1886). Nesta versão, as personagens têm nomes. Laura E. Richards promove maior profundidade aos personagens, atribuindo um nome a cada um deles, o que permite, com efeito, traçar características mais definidas e tridimensionais para as personagens, saindo do plano bidimensional.

Outra relação que é explorada do personagem com o campo e a cidade é a do pai de Bela no conto de Madame Villeneuve. O velho, ao retornar para casa, enfrentou desafios naturais que o fizeram duvidar de sua capacidade de voltar. Ao

encontrar o castelo da Fera, que não se apresentou de imediato, ele entrou e percorreu os aposentos, descritos apenas como suntuosos nos contos. Como não encontrou ninguém para recebê-lo, decidiu que traria sua família para morar ali, revelando seu desejo de sair da vida no campo e viver em um ambiente mais elegante.

Ao deixar o castelo, o velho avistou rosas e lembrou-se da promessa de levar uma para Bela. No entanto, para sua surpresa, uma Fera apareceu e o acusou de roubar suas rosas. Implorando por piedade, o homem explicou sua situação, e a Fera exigiu que uma de suas filhas viesse de livre e espontânea vontade para reparar o erro. No caminho de volta para casa, o velho se arrependeu da promessa feita à Fera. Essa decisão revela a prontidão de um pai responsável e amoroso, que prioriza o bem-estar de suas filhas em detrimento de sua própria vida.

Bela decide ir ao encontro da Fera, ocupando o lugar do pai. Ao chegarem ao castelo da Fera, são recebidos com artilharia e ao som de instrumentos, como se sua chegada fosse motivo de comemoração. A descrição do castelo é limitada, sem detalhes sobre as paredes ou monumentos, assim como os personagens não têm suas características físicas detalhadas.

Bela revela à Fera que está ali por vontade própria e submissa a ele, o que deixa o monstro satisfeito. Essa cena destaca uma característica marcante da dinâmica entre os gêneros, na qual a mulher deve ser submissa ao homem—ainda muito presente na antiguidade, embora hoje considerada desgastada. De acordo com Monique Bancos, em seu texto "The Beaumont's Beauty and the Beast: A Feminist Analysis," os homens são apresentados como uma figura heróica, enquanto as mulheres são retratadas como submissas, bonitas e contidas (Bancos, 2021). A figura de Bela nessa cena exemplifica essa representação tradicional dos papéis femininos e masculinos da época.

Em um sonho, uma Dama aparece para Bela e lhe diz que um destino ilustre a aguarda, e que ela não deve se deixar seduzir pela aparência. Isso reflete uma crítica presente também no conto de Madame Beaumont, sendo a sedução pela aparência vista como algo superficial. Em vez disso, o conto enfatiza a importância de caráter e bondade para alcançar conquistas verdadeiras.

A magia no conto aparece para atender às necessidades dos personagens, como mesas de comida que surgem magicamente, portas que se abrem para revelar algo de interesse, e animais que falam. A transformação da Fera em um homem e

vice-versa é outro exemplo da presença mágica na história. Em um momento de descanso, Bela encontra uma bandeja com chocolate quente ao lado de sua cama, o que demonstra o uso da magia para satisfazer suas necessidades (Villeneuve, 2022).

Bela sonhava com um "Desconhecido" à noite, como ela o chamava. Em um desses sonhos, ela revela que o amor da Fera por ela a incomodava e temia que, por não ser correspondido, pudesse sofrer algum tipo de agressão por parte dele. Esse medo pode ser interpretado como uma reação baseada em histórias semelhantes que Bela conhecia e que poderiam se repetir.

Reunindo coragem, Bela pergunta à Fera se há mais alguém no castelo além deles e dos animais. A Fera assegura que são apenas eles. Assim, Bela se sente aprisionada no palácio. Esse sentimento revela como o amor e a expressão dele são vistos como formas de liberdade; quando a garota percebe que não terá o amor da Fera por perto, ela se sente confinada e desamparada.

Em um sonho, Bela vê seu amado, o "Desconhecido", degolando a Fera e clama para que ele não o faça. O Desconhecido duvida do amor de Bela, o que a deixa consternada. Ela afirma que preferiria morrer a deixar de amá-lo e que o seguiria pelo deserto mais ermo por ele. Esse amor, tanto o demonstrado pelo cavalheiro, que está disposto a matar a Fera para ficar com Bela, quanto o de Bela, que prefere a morte à perda do amor, reflete o amor juvenil, inconsequente e extremo mostrado no conto de Madame Beaumont.

Em uma das noites, Bela não consegue conter a tristeza que sente e pede à Fera para visitar sua família. A Fera, desolada, questiona se Bela não sente gratidão. Ela responde que, apesar de sentir gratidão, também sente falta de sua família. Foi acordado que ela visitaria sua família e depois retornaria ao castelo. A atitude da Fera revela-se abusiva e controladora; ele não permite que Bela saia do castelo sem dramatizar, afirmando que morreria sem ela.

Quando Bela retorna para a casa do pai, ele a instrui a considerar o pedido de união da Fera, justificando seu conselho com o fato de que a Fera possui um bom caráter e é bondoso. Ele destaca que as características físicas não deveriam ser o fator determinante na decisão. Esse conselho reflete um contraste com a prática comum de casamentos arranjados da época, onde decisões eram tomadas sem considerar as qualidades pessoais do pretendente. O pai de Bela enxerga as boas

qualidades na Fera e não força sua filha a tomar uma decisão, apenas oferece orientações.

Por outro lado, Bela levanta objeções em relação à possível união. Ela argumenta que, apesar de a Fera ser bondoso, ele é tolo e não possui interesses comuns suficientes para uma vida a dois.

Uma diferença notável entre o conto de Madame Beaumont e o conto de Villeneuve é a reação das irmãs de Bela ao seu retorno. No conto de Beaumont, as irmãs insistem para que a caçula permaneça mais tempo, esperando que a Fera a devore por descumprir sua promessa (Beaumont, 2022). Em contraste, no conto de Villeneuve, as irmãs elogiam o senso de honra de Bela e a encorajam a retornar ao castelo (Villeneuve, 2022). Após o prazo de oito dias, as irmãs fingem grande sofrimento com a partida de Bela, levando-a a prometer ficar mais oito dias. No entanto, suas manifestações de dor parecem insinceras, refletindo uma verdadeira diferença de caráter entre as irmãs e a protagonista.

Quando a Fera se transforma novamente em príncipe, sua mãe e uma fada aparecem no castelo para conhecer Bela. No momento em que a menina se apresenta e revela sua origem, a rainha se mostra desagradada, pois Bela não tem origem nobre, sendo apenas filha de um comerciante. A fada intervém, explicando que Bela foi a única a amar o filho da rainha e a quebrar o feitiço. Mais tarde, é revelado que Bela é filha de um rei, portanto, possui sangue nobre. Com essa informação, a mãe do príncipe aceita melhor a menina.

Essa reação ilustra o sistema de nobreza da época, na qual casamentos eram arranjados entre nobres e a pureza da linhagem sanguínea era essencial para a preservação da nobreza. A origem de Bela, antes de ser conhecida como filha de um rei, foi motivo de descontentamento para a rainha, evidenciando a importância atribuída à ascendência nobre na aceitação social e matrimonial. O fragmento a seguir ilustra a insatisfação da rainha antes da revelação da verdadeira origem de Bela:

-Sou-lhe muito grata - respondeu a Rainha -, mas, poderosa Inteligência - acrescentou -, não posso me impedir de lhe apontar o disparate da aliança do mais nobre sangue do mundo, de que meu filho procede, com um sangue obscuro, de onde vem a pessoa a quem deseja uni-lo. Confesso que não me entusiasma muito a felicidade do Príncipe, se ela deve ser obtida por meio de aliança tão humilhante para nós e tão indigna dele (Villeneuve, 2022, p. 157).

Já quando a Rainha descobriu a origem de Bela, suas atitudes em relação à menina mudaram.

Quanto a você, querida Bela - continuou, abraçando-a afetuosamente -, não me queira mal pela minha reticência. Meu único motivo era o desejo de dar meu filho à minha sobrinha, que a Fada me assegurou estar viva, apesar das aparências em contrário. Ela me fizera uma descrição tão encantadora da jovem que, sem conhecê-la, eu já a amava com ardor suficiente para me expor à indignação da Inteligência, no intuito de lhe preservar o trono e o coração do meu filho. Após essas palavras, fez-lhe afagos, que Bela recebeu respeitosamente (Villeneuve, 2022, p. 165).

Em certo momento, a fada que cuidou do jovem príncipe antes de sua transformação em monstro, enquanto a rainha estava na guerra, revelou ter sentimentos diferentes de uma simples afeição maternal, nutrindo uma paixão por ele. Quando a fada expressou suas intenções à rainha e ao príncipe, foi rejeitada com desrespeito, o que causou grande descontentamento à fada. Esse amor, inicialmente nobre, transformou-se em amargura, levando a fada a amaldiçoar o príncipe e condená-lo a viver sob a pele de um horrendo monstro.

Esse episódio nos leva a refletir sobre como o amor era percebido e manifestado naquela época. O amor pode realmente passar de um sentimento nobre para um ato de ódio? É possível uma metamorfose tão radical nos sentimentos? O que a fada nutria pelo príncipe era realmente amor? A forma como o amor era visto e demonstrado no século XVIII difere do entendimento contemporâneo no século XXI? Essas questões revelam que, mesmo que a fada tivesse sentimentos amorosos genuínos pelo príncipe, algo mudou profundamente, resultando em consequências prejudiciais.

Um aspecto que diverge do conto escrito por Madame Beaumont é a punição das irmãs de Bela. No conto, elas são transformadas em estátuas como castigo por sua inveja e são forçadas a observar a felicidade de Bela até que deixem de nutrir ressentimento. Em contraste, na novela de Madame Villeneuve, as irmãs de Bela não sofrem nenhum feitiço e vivem suas vidas ao lado de seus maridos. O conto de Beaumont foca em como a boa conduta pode ser recompensada pelo destino, enquanto o conto de Villeneuve também enfatiza a importância do caráter e da virtude, mas com uma narrativa que explora a inteligência de uma fada que une o príncipe e Bela.

Outro ponto relevante é o gesto do príncipe, enquanto ainda era a Fera, ao presentear a família de Bela com numerosos baús de jóias, roupas e outros objetos valiosos. Isso ocorre após a família ter caído na pobreza devido à falência do comerciante. É importante destacar que, na época, a corte não aceitava bem a ascensão da classe trabalhadora, refletida na miséria descrita na vida do comerciante nas duas histórias. No entanto, a generosidade da Fera, um membro da realeza, que proporciona riquezas à família de Bela, destaca um ato de bondade e afeição por alguém distante de seus súditos. Este gesto evidencia uma benevolência inesperada, que transcende a disparidade social da época.

4.2. A Bela e a Fera, por Madame Beaumont

Os primeiros parágrafos do conto introduzem brevemente o cotidiano e as características de alguns membros da família de Bela. O pai tem três filhos homens e três filhas mulheres, sendo Bela a mais nova, descrita como a mais bela e ajuizada. Suas irmãs, por outro lado, são apaixonadas por bailes, teatros e passeios. Pouco se menciona sobre os irmãos, e o pai, que era um comerciante muito rico, acabou falindo. Devido à falência, a família teve que se mudar para uma casa no campo, saindo da cidade, o que reflete a realidade de que, na época, aqueles que viviam nas cidades eram geralmente os que tinham maior poder aquisitivo.

As filhas mais velhas se opuseram à mudança e tentaram encontrar maridos após a falência, mas ninguém quis se casar com elas, e até mesmo os amigos se afastaram. A alegria de terceiros com a desgraça delas ilustra uma crítica aos relacionamentos baseados em interesse material. As irmãs, anteriormente ricas e capazes de oferecer bons presentes e passeios, agora não tinham nada a oferecer e, portanto, perderam tanto pretendentes quanto amigos. O casamento era visto como um possível refúgio da pobreza iminente.

Por outro lado, a felicidade alheia com a queda das irmãs pode ser atribuída à futilidade delas e ao tratamento ruim que possivelmente dispensavam aos outros. Em contraste, Bela, que é descrita como inteligente e distinta das irmãs, recebe pena das pessoas. Ela recebeu propostas de casamento, mas recusou, pois não deseja abandonar o pai em sua situação difícil. Assim, o conto sugere que pessoas boas e gentis merecem compaixão e oportunidades, enquanto aqueles que agem de

forma egoísta e negativa enfrentam dificuldades adicionais, incluindo a perda de amigos e a ausência de pretendentes.

Ao se mudarem para a casa no campo, Bela se dedicava a tarefas domésticas, leitura, ao cravo e ao canto. Ela demonstra uma atitude positiva, procurando se entreter e encontrar felicidade nas pequenas coisas, apesar da nova realidade. Em contraste, suas irmãs mais velhas se mostram entediadas e lamentam a perda da vida luxuosa anterior. Elas criticam Bela por tentar se adaptar e se entreter com a nova situação, evidenciando inveja e descontentamento. O pai, por outro lado, reconhece as qualidades de Bela e acredita que ela possui características que a fariam brilhar na alta sociedade. O conto sugere que, para alcançar o sucesso e a aceitação social, são necessárias simplicidade, bondade e inteligência, qualidades que as irmãs mais velhas não possuem. Essas meninas, que se prendem a bens materiais e luxo, não têm os atributos necessários para fazer parte da alta sociedade.

A sorte do comerciante muda, quando ele recebe uma carta informando que um navio com suas mercadorias havia chegado sem problemas. As filhas mais velhas ficam empolgadas e pedem presentes caros. Bela, com simplicidade, apenas pede uma rosa, pois não havia roseiras na região. As irmãs, no entanto, zombam de Bela, sugerindo que sua modéstia era apenas uma forma de se mostrar.

Ao chegar ao porto, o comerciante descobre que sua carga foi apreendida. Após muitos aborrecimentos, ele decide voltar para casa. Durante o retorno, ele se perde em uma floresta, enfrenta uma terrível nevasca e cai de seu cavalo, com a morte iminente em mente. Por sorte, ele avista uma luz intensa e, ao se aproximar, encontra um palácio. Essa cena é detalhada na descrição do livro:

Nevava terrivelmente e o vento soprava tão forte que o derrubou do cavalo duas vezes. Quando a noite caiu, pensou que morreria de fome, frio, ou então que seria comido pelos lobos que ouvia uivar nos arredores. De repente, no final de um comprido corredor formado pelas árvores, ele avistou uma luz intensa, mas ainda bem distante. Caminhou naquela direção e percebeu que a luz vinha de um grande palácio, que parecia todo iluminado (Beaumont, 2022, p. 35).

A descrição do ambiente revela a difícil situação do comerciante em seu retorno para casa. O cenário adverso e o perigo iminente contrastam com o alívio e a esperança proporcionados pelo castelo, que surge como uma bênção em seu caminho. Ao entrar no castelo, o comerciante se aproxima da lareira para se

aquecer, pois estava encharcado e com frio. Ele nota uma mesa posta com comida e vinho e decide se servir, após esperar um tempo para ver se alguém apareceria. Sua decisão de se servir apenas depois de aguardar demonstra educação e respeito pelo palácio que o acolheu.

No dia seguinte, o comerciante encontra roupas quentes preparadas para ele. Ele reflete que o palácio deve pertencer a uma boa fada que teve pena dele. Quando retorna ao salão, encontra uma xícara de chocolate quente esperando por ele. O comerciante, ao ver o gesto atencioso, agradece à fada, imaginando que ela é a responsável por essas gentilezas.

Posteriormente, ao passar por um canteiro de rosas, o comerciante lembra do pedido de Bela e decide colher uma para levar à sua filha mais nova. Para sua surpresa, a terrível Fera aparece furiosa por ele ter roubado suas preciosas rosas, ameaçando-o com a morte. O homem se ajoelha e implora perdão, explicando que a rosa era para sua filha. A Fera, ao ouvir a história, oferece ao comerciante a opção de enviar uma de suas filhas para morrer em seu lugar; caso contrário, ele deverá retornar em três meses. O homem, desesperado, não deseja fazer isso com nenhuma de suas filhas e volta para casa com a intenção de vê-las uma última vez.

Contrariamente ao seu comportamento anterior, a Fera não quer que o comerciante retorne de mãos vazias e ordena que ele leve um baú cheio de objetos preciosos. Esse gesto de generosidade contrasta com suas ações anteriores: enquanto inicialmente ameaça matar o homem e exige um sacrifício, agora está presenteando-o com itens valiosos. Esse comportamento ambíguo levanta questionamentos sobre as verdadeiras intenções da Fera.

Ao retornar para casa, o pai, profundamente abalado, revela os infortúnios de sua viagem. As irmãs mais velhas acusam Bela de ser a responsável pela iminente morte do pai, argumentando que sua aparente indiferença demonstra falta de sentimento. Entretanto, a verdadeira intenção de Bela era diferente; ela decide ir ao palácio no lugar de seu pai. Seus irmãos não aprovam a ideia, mas não podem impedir sua decisão. Por outro lado, as irmãs mais velhas ficam satisfeitas com a situação, alimentando a inveja que sentem de Bela.

Ao chegarem ao castelo, o pai e a garota encontram uma mesa posta para dois no grande salão. Bela estranha a situação, temendo que a Fera pretendesse engordá-la para depois devorá-la. A recepção com uma mesa posta, após ameaças,

é incomum e causa estranhamento em Bela. A Fera aparece, elogia a beleza de Bela e, em seguida, ordena que o pai vá embora ao amanhecer.

No dia seguinte, Bela compartilha um sonho com o pai, o que lhe traz um pouco de alívio. Após a partida de seu pai, a menina chora e entrega seu destino a Deus, acreditando que seria devorada naquela noite. Em seguida, decide explorar o castelo e encontra um aposento destinado a ela, com livros e um cravo, o que a anima, pensando que se fosse apenas para um dia, não teria à disposição tais comodidades.

À noite, a Fera aparece para o jantar e pergunta educadamente a Bela se pode se sentar à mesa com ela. As ações do monstro são muito diferentes das primeiras impressões: ele já não a ameaça e, anteriormente, havia presenteado a família dela com objetos preciosos. A Fera insiste que Bela é a soberana do lugar, e ao se descrever como um ser muito feio e burro, Bela, com sua gentileza, o contradiz, dizendo que ele não é burro e que sua bondade faz com que não pareça tão feio. Segundo Claire L. Malart Feldman (1989), desde a narrativa de Apuleio em *O Asno de Ouro*, muitas histórias relatam criaturas monstruosas que se transformam em belos príncipes pelo poder do amor, como ocorrerá com a Fera.

A visão de Bela, uma menina doce, educada, inteligente e gentil, reflete sua merecida recepção no castelo. No entanto, a situação muda quando a Fera pede a mão de Bela em casamento. Ela, apavorada, recusa o pedido, temendo a raiva dele. A Fera, triste, se retira, e Bela lamenta que, apesar de sua bondade, a aparência da Fera a impede de aceitar seu pedido. Isso revela a vaidade de Bela, que, apesar de suas qualidades, ainda valoriza a beleza física. Gabriella Rovassine da Rocha (2019) observa que Bela é uma personagem ambígua, que se importa com a aparência da Fera em alguns momentos e em outros não. O conto ressalta que as virtudes podem ser encontradas em seres não considerados belos. *A Bela e a Fera* é um exemplo do ciclo do noivo-animal, onde um dos parceiros, geralmente o homem, age de forma animalesca, e o feitiço é quebrado pelo amor forte o suficiente para superar barreiras físicas, como evidenciado no conto de Madame Beaumont.

Após três meses no palácio, Bela e Fera jantavam juntos todas as noites. Durante esse período, Bela começou a descobrir novas qualidades na Fera e aguardava ansiosamente o horário do jantar para vê-lo. No entanto, a insistência da Fera em pedir sua mão em casamento todas as noites ainda incomodava. Certa noite, Bela foi sincera e explicou que não poderia aceitar seu pedido. A Fera, com

relutância, aceitou a recusa, mas fez Bela prometer que nunca o abandonaria, o que sugere uma sensação de posse e insegurança da parte da Fera, temendo a solidão.

Bela então pede permissão para visitar seu pai, que está gravemente doente e pode morrer de dor se não a ver. A Fera, demonstrando um amor intenso e possessivo, declara que prefere morrer a fazê-la sofrer. A relação entre Bela e a Fera é marcada por muito drama e pode ser vista como um amor juvenil, imaturo e possessivo, que coloca a beleza física e a presença da pessoa amada acima de tudo.

Ao amanhecer, Bela já estava na casa de seu pai, que ficou muito feliz ao vê-la. Um baú cheio de vestidos adornados com ouro e diamantes apareceu, e Bela, agradecendo à Fera em pensamento, escolheu o menos suntuoso para si, decidindo guardar o restante para suas irmãs. No entanto, o baú desapareceu quando ela tentou compartilhar os presentes, e seu pai comentou que provavelmente o monstro não queria que ela dividisse as riquezas com mais ninguém. O baú então reapareceu, evidenciando, mesmo que de forma não agressiva, um controle da Fera sobre as ações e posses de Bela.

As irmãs mais velhas de Bela chegaram com seus maridos. Uma casou-se com um jovem fidalgo muito bonito, mas que só admirava sua aparência até o anoitecer. A outra casou-se com um homem inteligente, mas que usava sua inteligência para perturbar os outros, inclusive sua esposa. Ambas estavam infelizes em seus casamentos e sentiram uma grande inveja ao ver Bela, agora uma princesa radiante. Elas ficaram ainda mais aborrecidas ao ouvir Bela contar sobre sua nova vida feliz.

Enciumadas, as irmãs mais velhas tramaram um plano para manter Bela na casa por mais de oito dias, na esperança de que a Fera ficasse furiosa e devorasse a garota. Apesar de fazerem juras de amizade a Bela, o que a emocionou, suas intenções eram malignas. Na décima noite, Bela sonhou com a Fera agonizando e a censurando por sua ingratidão. Acordando em lágrimas, Bela se questionou sobre sua decisão de não aceitar o pedido de casamento. Ela refletiu sobre o valor da bondade e do caráter em comparação com a beleza e a inteligência. Reconheceu que, mesmo sem sentir amor romântico, sentia estima e amizade pela Fera, e que suas virtudes eram muito mais valiosas do que atributos superficiais. Determinada a não fazer a Fera infeliz e sentindo-se culpada por sua possível perda, Bela decidiu seguir as instruções que havia recebido para retornar ao castelo.

Ao retornar ao castelo, Bela se prepara ansiosamente para encontrar a Fera, mas, ao perceber que ele não aparece, começa a percorrer o castelo em busca dele. Lembrando-se do local do sonho, ela vai até lá e encontra o pobre animal estendido no chão, aparentemente sem vida. Desesperada, ela se joga sobre ele e percebe que seu coração ainda bate. Imediatamente, vai buscar água para jogar em sua cabeça.

Quando a Fera acorda, ela revela que, devido à saudade de Bela, havia decidido morrer de inanição, mas sente-se feliz por vê-la novamente. Essa cena demonstra um amor juvenil e dramático, onde o sofrimento pela perda do amado é tão intenso que leva a ações extremas. Bela, ao ver a Fera, declara que aceita ser sua esposa, prometendo ser apenas dele. Ela admite que a dor que sentiu ao acreditar que o havia perdido mostrou que não pode viver longe dele.

Essa entrega de Bela ao seu amado e sua promessa de exclusividade revelam como o amor é visto e externalizado como um sentimento que prende as pessoas uma à outra. No conto, o amor verdadeiro é retratado como algo que requer um vínculo profundo e indissolúvel, no qual a separação não é uma opção. A promessa de Bela reflete a visão de que só se ama verdadeiramente quando se está completamente ligado ao parceiro, sem espaço para a separação.

Ao revelar o verdadeiro príncipe por trás da Fera, a história culmina com uma poderosa lição sobre valores e virtudes. O príncipe explica a Bela que foi amaldiçoado por uma fada má e que só poderia ser libertado se uma bela moça aceitasse se casar com ele, apesar de sua aparência e de sua falta de inteligência. Bela, ao reconhecer a bondade e o caráter por trás da feiura do monstro, foi a única a quebrar o feitiço.

Esse final tem um forte caráter educativo. Conforme aponta Maria Tatar (2017), Madame Beaumont utilizou o conto para transmitir às jovens moças a mensagem de que, mesmo diante do medo de um casamento arranjado, a escolha baseada em virtudes, como bondade e caráter, pode levar à verdadeira felicidade. O relacionamento de Bela com a Fera serve como um exemplo de que, apesar das dificuldades e do receio, a felicidade pode ser encontrada ao se valorizar atributos internos ao invés de apenas a beleza ou a inteligência.

Quando Bela retorna ao castelo com o príncipe, ela encontra sua família, que foi transportada pela fada para o local. A fada elogia Bela por ter escolhido a virtude e não a aparência, afirmando que ela merece encontrar todas as qualidades

desejadas em uma pessoa só. As irmãs invejosas são transformadas em estátuas como punição por sua maldade e inveja. Elas terão que assistir à felicidade de Bela até reconhecerem seus próprios erros e se arrependerem.

A história reforça a mensagem de que escolher a virtude e a boa conduta é mais recompensador do que se apegar a futilidades como a beleza. As atitudes das irmãs mais velhas, que priorizam o interesse pessoal e a inveja, resultam em tristeza e punição, enquanto Bela, ao escolher o caráter e a bondade, encontra a verdadeira felicidade e um final feliz.

Em um passe de magia a fada transportou todos para o reino do príncipe, que foi recebido com alegria pelos súditos. Bela e o príncipe se casaram e foram muito felizes juntos, com um casamento virtuoso:

No mesmo instante, a fada executou um passe de magia com sua varinha e transportou todos os que estavam no salão para o reino do príncipe. Seus súditos o receberam com alegria e ele se casou com Bela, que viveu com ele muitos e muitos anos numa felicidade perfeita, porque baseada na virtude. (Beaumont,2022, p. 56)

É possível observar como a magia da fada aparece para realizar os desejos e as necessidades dos personagens, facilitando a vida deles, especialmente no que diz respeito aos desejos da realeza. É interessante notar que a realeza obtém essas facilidades não apenas por sua origem real, mas também através da magia das fadas. Isso evidencia como são considerados dignos desses privilégios.

4.3. A versão de Charles Perrault

É interessante observar a semelhança na proporção de filhos no conto de Perrault em relação ao conto de Madame Beaumont, ambos com três meninos e três meninas. Em contraste, o conto de Madame Villeneuve apresenta uma família com doze filhos, seis moças e seis rapazes. No conto de Perrault, também é mencionado que o comerciante investiu muito na educação de seus filhos. A filha mais nova, chamada Bela, era a mais gentil e amável, enquanto as filhas mais velhas eram orgulhosas e arrogantes, preferindo a companhia da alta sociedade. Isso demonstra como elas não se contentavam apenas com a posição social que ocupavam, buscando sempre estar em ambientes que pudessem elevá-las ainda mais na hierarquia social.

As três filhas tinham muitos pretendentes ao casamento; no entanto, as filhas mais velhas, em sua arrogância, rejeitaram os pretendentes, afirmando que só se casariam com um Duque ou um Conde. Bela, por sua vez, recusou os pretendentes com educação, afirmando que preferia permanecer na companhia do pai por mais alguns anos. Segundo Monique Bancos, Bela possui características feministas, sendo decidida e livre, não aceitando os pretendentes que surgiram com o intuito de tirá-la da pobreza (Bancos, 2021). Quando a pobreza atingiu a família e o pai perdeu tudo, os pretendentes das filhas mais velhas já não estavam mais interessados. Isso ilustra como os relacionamentos da época eram movidos por interesses financeiros: anteriormente, as filhas mais velhas rejeitavam pretendentes por não pertencerem à alta sociedade desejada, e, após a perda dos bens, esses mesmos pretendentes rejeitavam as filhas do comerciante devido à sua nova condição.

Entretanto, o comportamento das outras pessoas em relação a Bela era diferente. Elas sentiam pena dela, dizendo que ela não merecia a situação em que se encontrava, pois sempre havia sido gentil. Isso revela que, quando alguém não é bom para os outros, como as filhas mais velhas, as pessoas ao redor não sentem piedade quando essas pessoas sofrem. Em contraste, pessoas boas, como Bela, recebem mais compaixão de quem está ao seu redor quando enfrentam dificuldades.

Quando a notícia chegou de que mercadorias pertencentes ao comerciante haviam chegado ao porto, as filhas mais velhas pediram ao pai todo tipo de roupas e utensílios. Isso demonstra que, apesar de viverem no campo, sua visão materialista e exigente não havia mudado. Elas não se dedicavam aos afazeres domésticos, ao contrário de Bela, e ainda a insultavam quando podiam.

Na volta de sua viagem, que não trouxe bons resultados, o velho comerciante enfrenta dificuldades com a neve e se perde. No entanto, como no conto de Madame Beaumont, uma luz brilhante vinda do castelo o guia até lá. Isso ilustra como a magia está atrelada às necessidades dos personagens e como é utilizada a favor deles na história. Outro exemplo que reforça essa observação é o fato de que, ao entrar em uma das salas do castelo, o comerciante encontra uma mesa posta com comida e bebida, como se alguém já o esperasse. No dia seguinte, o velho pai acorda com roupas novas e chocolate quente, evidenciando mais uma vez como a magia está a serviço dos personagens e suas necessidades.

Outro ponto em comum com o conto de Madame Beaumont é o fato de que, quando a Fera encontra o comerciante roubando uma de suas rosas e fica furioso, mesmo após ameaças, o monstro envia junto ao velho um baú cheio de riquezas para sua casa. Isso revela que, apesar das ameaças de morte, as intenções da Fera não eram das piores, e as riquezas no baú seriam extremamente benéficas para toda a família.

Outro aspecto semelhante ao conto de Madame Beaumont é a presença de uma fada que aparece nos sonhos de Bela na sua primeira noite no castelo. A fada cumprimenta Bela e diz que ela será recompensada. Esta recompensa é um reflexo da boa ação de Bela, que se ofereceu em lugar do pai, demonstrando um coração puro e disposição em ajudar os outros. Isso evidencia que pessoas de bom coração são recompensadas de acordo com suas boas ações.

É notável que há muitos pontos em comum entre as histórias de Madame Beaumont e Perrault. As obras escritas por mulheres também tiveram grande sucesso, o que demonstra como essas autoras conseguiram se manter relevantes e resistentes ao patriarcado (Feldman, 1989).

Tanto no conto de Perrault quanto no conto de Madame Beaumont, a Fera pergunta todas as noites, por vários meses, se Bela aceita se casar com ele. Educadamente, ela sempre recusa. Mesmo ao descobrir as qualidades da Fera, Bela continua a negar seu pedido, baseando-se em suas características físicas. A mensagem central da história é não se render à beleza exterior, mas valorizar as qualidades internas de uma pessoa, algo que Bela aprende e aceita ao final do conto, quando finalmente concorda em se casar com a Fera.

Outra característica comum entre os contos de Madame Beaumont e Perrault é a presença das irmãs invejosas de Bela. Elas planejam para que Bela passe mais tempo na casa do pai, impedindo que ela retorne ao castelo a tempo, em desacordo com a promessa que fez à Fera. Isso evidencia a má-fé e a inveja das irmãs mais velhas. O conto, então, reforça a mensagem de que pessoas boas recebem boas recompensas da vida, enquanto pessoas más enfrentam as consequências de suas ações malignas..

Mais um ponto em comum entre os contos de Perrault e Madame Beaumont é que as irmãs invejosas de Bela são transformadas em estátuas de pedra pela fada e ficam posicionadas na frente do castelo, forçadas a assistir à felicidade da irmã até que seus corações se transformem. Esse detalhe evidencia a mensagem do conto

de que as pessoas que agem com maldade enfrentam as consequências de suas ações. Em contraste, Bela, que sempre foi bondosa e gentil, recebendo a recompensa por seu bom coração e ações sinceras, vive uma vida de felicidade e prosperidade. É relevante observar que os contos de Perrault são mais conhecidos do que os escritos por mulheres, e seus trabalhos frequentemente incorporam traços que refletem normas e características patriarcais (Bancos, 2021, p. 3).

Considerações finais

Além do entretenimento, os contos de fadas, especialmente *A Bela e a Fera*, oferecem um rico conteúdo histórico e uma história envolvente para o público. Eles proporcionam uma visão sobre o tratamento da sociedade com relação a si mesma, as hierarquias existentes, os relacionamentos parentais da época e a evolução das relações amorosas. Além disso, é possível analisar o uso da magia na vida das personagens, a escolha da quantidade de filhos em cada versão da história, a educação atribuída às mulheres, o movimento de Bela contra o patriarcado e a relação entre beleza e virtude. Esses aspectos, embora situados em um contexto histórico diferente, ainda têm relevância em algumas questões contemporâneas, como a luta contra o patriarcado.

Assim, as três versões de maior vulto de *A Bela e a Fera* revelam características da sociedade do período em que foram escritas. A análise dessas versões e a compreensão de como a história foi recontada ao longo do tempo enriquecem nosso conhecimento sobre a época histórica e a evolução dos contos de fadas.

Leiam contos de fadas.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. segunda edição. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

BANCOS, Monique. **The Beaumont's Beauty and the Beast A feminist analysis**. Licenciado:AOSIS. Publicado em 17 de junho de 2021.

FELDMAN L. M, Claire. **You've come a long way, Beauty (and Beast)**. Children's Literature, volume 20, 1992, pp.236-240(article). Published by The Johns Hopkins University Press.

HEARNE, Betsy. **Beauty And The Beast: Visions and Revisions of an Old Tale: 1950-1985**. The Lion and the Unicorn. Volume 12, Number 2, December 1988, pp. 74-111 (Article). Published by The Johns Hopkins University Press.

HEARNE, Betsy. **Beauty and the Beast: visions and revisions of an old tale**.The Lion and the Unicorn, volume 12, número 2, dezembro de 1988. pp. 74-111.(artigo). Publicado por The Johns Hopkins University Press.

LACERDA, Maria Teresa. **Literatura Européia e as suas influências para a formação de mulheres a partir da obra A Bela e a Fera de Madame de Villeneuve**. ANPUH- Brasil- 31 Simpósio Nacional de História de Rio de Janeiro, RJ 2021.

LACERDA, Rodrigo at al (comp.). **A Bela e a Fera**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2022. 238p. André Telles.

PERRAULT, Charles. **Beauty and the Beast and other tales**. Published by Sovereign Classic. First published in 2014.

ROVASSINE DA ROCHA, Gabriella. **A Bela e a Fera: a representação feminina nas versões Gabrielle- Suzanne Barbot de Villeneuve e de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont**. São Gonçalo. 2019.